

Entrevista Motivacional e Justiça Social

William R. Miller, PhD ¹

Resumo

O presente artigo explora a relação entre a Entrevista Motivacional (EM) e seis amplos valores humanos: compaixão, respeito, equidade, potencial humano, valorização das diferenças e colaboração. Estes valores estão implícitos no espírito e prática da EM e tem implicações muito além da prática profissional.

Palavras-chave

Compaixão, Entrevista Motivacional, Justiça social

Uma das poucas críticas publicadas sobre a Entrevista Motivacional é que esta “ignora a realidade do impacto do entorno social”, e que “uma sessão de EM é uma pequena parte da vida do cliente”. Ao expressar essa crítica Stanton (2010) referiu-se a importantes determinantes sociais da motivação que se encontram fora do consultório. Justo. Concentramo-nos na dinâmica da interação terapêutica e nunca tentamos propor uma teoria abrangente da mudança do comportamento (Miller & Rose, 2009, 2010). É importante lembrar que, ainda que vital, a vontade é apenas um fator da mudança (Miller & Atencio, 2008).

Mas quero me aproximar de Stanton. Decidi fazer algo diferente em minha plenária deste ano, convocando à consciência a justiça social que está implícita e vai além do espírito da EM. Dito de outra forma, eu acredito que a EM é uma pequena parte de algo muito maior e é sobre esta realidade maior que eu quero falar hoje. Steve Rollnick me perguntou: “Miller, você está movendo os pinos da EM de novo?” Eu acho que não. Em vez disso, eu estou me lançando sobre um campo muito maior para armarmos a barraca. O que vou dizer aqui é baseado em não mais do que as minhas reflexões e sensações pessoais após 30 anos convivendo com a EM.

A DISSEMINAÇÃO DA EM: FASCINAÇÃO

Creio que não é por acidente que a entrevista motivacional encontrou o seu refúgio primeiramente entre alguns dos membros mais desprezados, rejeitados e marginalizados da sociedade: dependentes de álcool e/ou drogas, psicóticos, portadores do HIV e AIDS; desabrigados, profissionais do sexo e infratores da lei – para aqueles que o trato humano

¹ University of New Mexico

Uma versão deste artigo foi apresentada como um discurso plenário no Fórum MINT, Fort Wayne, IN, de setembro de 2012.

O autor relata que não há nenhum conflito de interesses

Versão em português traduzida por Neliana Buzi Figlie e Marcela Brandina, membros do Grupo Desarrollando EM en Latinoamérica. Texto Original: Miller, W.R. (2013). Motivational interviewing and social justice. *Motivational Interviewing: Training, Research, Implementation, Practice*, 1 (2), 15-18.

Qualquer correspondência concernente a este artigo deve ser dirigida a William R. Miller, PhD. Email: wrmiller@unm.edu

é o mais inesperado, bem-vindo e impactante. O tratamento compassivo e respeitoso para com aqueles que são mais excluídos é uma marca da EM desde o seu princípio – talvez mais do que no aconselhamento centrado no cliente, que se desenvolveu dentro dos mais privilegiados mundos da educação e da psicoterapia; embora, para ser justo, Rogers testou a sua terapia no Mendota State Hospital em um estudo controlado sobre a esquizofrenia (Rogers, Gendlin, Kiesler e Truax, 1967). Fascina-me que a EM foi tão prontamente e amplamente utilizada em nome das populações marginalizadas da sociedade. Em sua meta-análise, Jenny Hettema descobriu que a EM tinha o dobro do efeito quando oferecida às populações minoritárias se comparado com os americanos brancos (Hettema, Steele & Miller, 2005).

Estamos a edificando, é claro, sob uma base sólida prevista por Carl Rogers e seus alunos. Mais tarde em sua vida, Rogers (1980) chegou a entender a abordagem centrada na pessoa como um “modo de ser e estar” das pessoas em geral e explorou as suas possíveis aplicações na educação, gestão, profissões, discurso político e mudança social. Agora aqui estou fazendo o mesmo.

Também me fascina que tantas pessoas são atraídas pela EM porque, em alguns sentidos, elas a reconhecem quando a encontram – não como algo estranho que estão entrando em contato pela primeira vez, mas como se fosse algo que conhecem profundamente e por um longo tempo, como uma velha amiga. Por segurança, alguns profissionais buscam a EM por causa da base de evidências acumuladas ou porque a aprenderam desde o início de sua formação, mas eu sinto que há algo mais. Como a EM se disseminou tão rápida e amplamente – agora em pelo menos 45 idiomas – com praticamente nenhum marketing, muitas vezes bem antes de contar com uma base de dados adequada? O que é que atrai tantos cuidadores, de tantas profissões, nações e contextos diferentes? É como se a conhecêssemos de memória.

VALORES HUMANOS

Um aspecto radical do trabalho de Carl Rogers é que ele colocou tanta ênfase no modo de pensar e sentir; o espírito com o qual trabalhamos. Aqui está a sua própria reflexão a respeito:

Eu estava vagamente consciente - felizmente, apenas vagamente – que eu estava desafiando quase todas as “vacas sagradas” do mundo

terapêutico. Eu falava, com efeito, embora não abertamente, que não era uma questão de saber se o terapeuta tinha feito análise, ou tinha um conhecimento da teoria da personalidade, ou possuía experiência com psicodiagnóstico ou tinha um vasto conhecimento de técnicas terapêuticas. Em vez disso, eu dizia que a eficácia do terapeuta na terapia dependia de suas atitudes. Eu mesmo tive a coragem de definir quais eram, a meu ver, essas atitudes. (Rogers, 1980, p. 270).

O que ele viu ao longo do tempo foi que as atitudes implícitas no aconselhamento centrado na pessoa (e ousar dizer, aquelas que explicitamos no espírito da EM) têm implicações que vão além das relações profissionais de ajuda. Elas são uma maneira de ver e estar no mundo. Então, quais são essas atitudes mais amplas, estas tendências ou disposições?

C.S. Lewis (1944), dentre outros, sustentou que há certos valores que intrinsecamente compartilhamos como seres humanos – que “certas atitudes são realmente verdadeiras e outras realmente falsas”. Nós as reconhecemos e as honramos se não de forma universal, pelo menos amplamente. Estes passaram a ser chamados de valores humanos ou humanistas. “Humanista” é também o nome comumente dado para a terceira corrente em psicoterapia – a tradição do potencial humano defendida por Rogers e Maslow, em resposta a seus antecessores reducionistas e mecanicistas da psicanálise e do behaviorismo.

Recentemente, Karen Armstrong (2010) defendeu o compromisso com a compaixão como um amplo guarda-chuva para valores humanos. Sua organização virtual “Organização para a Compaixão” afirma que:

O princípio da compaixão está no coração de todas as tradições religiosas, éticas e espirituais, sempre nos convidando a tratar todos os outros como gostaríamos de ser tratados. A compaixão nos impele a trabalhar incansavelmente para aliviar o sofrimento de nossos semelhantes, a destronar a nós mesmos do centro do nosso mundo e colocar outro no lugar, e a honrar a santidade inviolável de cada ser humano, tratando a todos, sem exceção, com absoluta justiça, equidade e respeito. (www.charterforcompassion.org)

Então, quais são esses valores humanos? Existem muitas descrições. Destacarei uma lista de seis valores humanos fundamentais. Os três primeiros foram propostos como princípios éticos fundamentais no Relatório Belmont de 1978 relativos à proteção dos seres humanos, que foi uma resposta às pesquisas atrozias nos campos de concentração nazistas e, posteriormente, nos Estados Unidos e outras nações. Estes se tornaram a base para a proteção de participantes humanos em pesquisas.

Compaixão

O primeiro é chamado de compaixão segundo Armstrong (2010) e Dalai Lama (2001). Na ética é frequentemente chamada de beneficência. A compaixão, neste sentido, não é uma emoção, mas uma intenção, uma predisposição para agir de forma benevolente e generosa, para aliviar o sofrimento e promover o bem-estar dos outros. O seu oposto, a maleficência, é para prejudicar os outros, ou pelo menos agir em interesse próprio sem levar em consideração os efeitos sobre os demais.

Respeito pelas pessoas

Um corolário é o respeito inerente a todas as pessoas. Cada ser humano tem um valor intrínseco e merece ser tratado com respeito, independentemente de classe, credo ou características demográficas.

Rogers chama isso de consideração positiva incondicional, o que inclui o respeito à autonomia e autodeterminação.

Justiça

O terceiro princípio de Belmont é a justiça – um valor humano fundamental para a equidade e igualdade. Cada indivíduo é parte de uma comunidade mais ampla e merece ser considerado igualmente perante a lei e oportunidades. Muitas sociedades estendem isso à distribuição justa dos recursos também – para garantir que não faltem as necessidades básicas a ninguém: alimentação, vestuário, moradia, segurança e serviços de saúde.

Potencial Humano

Maslow e Rogers acrescentaram uma crença no potencial humano que pode ser realizada e atualizada. Dadas as condições certas, podemos acreditar que as pessoas crescem naturalmente em uma direção positiva. É uma perspectiva esperançosa e otimista da natureza humana, em contraste com os impulsos obscuros da psicanálise ou a tela em branco do behaviorismo. Cada pessoa tem um *telos*, um estado de maturidade saudável para o qual elas naturalmente se desenvolvem se o seu crescimento não for distorcido.

Aceitação

Em quinto lugar está a aceitação, a estima das diferenças – a atitude que a variedade é saudável e valiosa à natureza humana, como à biodiversidade. É mais do que tolerar – é saber lidar com as diferenças. É a aceitação, para além da curiosidade, mais próxima a valorização das diferenças.

Colaboração

Finalmente, há o valor humano de colaboração, de trabalhar junto em parceria através das diferenças em direção a um fim comum. Seu oposto é a coerção, o uso do poder diferencial para determinar os interesses daqueles que serão servidos. A lição da história é que em última análise a opressão é condenada- os seres humanos a abandonam. Coerção pelo poder mais cedo ou mais tarde implode.

Acredito que pelo menos esses seis valores humanos estão em nossos interesses como comunidade, nação e espécie. O livro *The Spirit Level* (Wilkinson & Pickett, 2009) oferece evidências irrefutáveis de que uma grande parte das misérias humanas estão diretamente relacionados com o grau de desigualdade de riqueza em uma nação, mesmo em estados dentro dos Estados Unidos: quanto maior a distância entre ricos e pobre, maior o sofrimento de ambos, ricos e pobres. Em média, como pessoas (independentemente da renda) somos menos saudáveis, mais obesos, mais deprimidos e ansiosos, tomamos medicamentos psiquiátricos, temos mais casos de gravidez na adolescência e mortalidade infantil, mais violência e homicídio, mais prisões, mais álcool / problemas com drogas e morreremos mais cedo, em proporção direta com o tamanho da distância entre ricos e pobres. Viver em uma sociedade injusta, é ruim para todos nós.

A verdade e poder dessas atitudes humanas não são exclusivos, ou limitados à relação terapêutica. Ao estudar as condições básicas facilitadoras de uma abordagem centrada na pessoa em educação, Rogers concluiu que “os estudantes de professores de “nível alto” (aqueles com altas condições facilitadoras) tenderam a apresentar os maiores ganhos na aprendizagem. Uma constatação preocupante foi que os estudantes dos professores de “nível baixo” podem realmente ter um atraso na sua aprendizagem por deficiências de seus professores” (Rogers, 1980, p. 308). Este é um impressionante paralelo com o que temos encontrado em pesquisa em psicoterapia, em que a alta empatia

facilita a mudança, e baixa empatia pode ser tóxico (Moyers & Miller, in press).

Mas eu estou dizendo que esses valores humanos têm um crédito em nós bem além do testemunho de evidências científicas. Com Karen Armstrong, CS Lewis, o Dalai Lama e as grandes religiões do mundo, acredito que essas atitudes, esses valores humanos são simplesmente verdade em sentido absoluto. Nós intuitivamente os reconhecemos e os honramos. Eles também são profecias auto-realizáveis - eles são realizados à medida que os praticamos. São hábitos de consciência que tendem a surgir com a prática contínua da meditação *mindfulness* ou *centering prayer* (Keating, 1994). Eu também fiquei preso, em nosso estudo sobre mudança quântica (Miller & C'de Baca, 2001), no qual as pessoas que entrevistamos, como Ebenezer Scrooge que tinha sido atingido por uma luz psicoespiritual, veio a ter atitudes bastante semelhantes, apesar da sua diversidade enorme antes dessas experiências. Entre suas realizações encontram-se:

A realidade material é uma pequena parte de tudo o que existe

A natureza de Deus é um amor e aceitação tão profundos que não podemos compreendê-la

O amor é a essência do que somos, e do que estamos destinados a ser

Os pontos fracos devem ser atendidas com compaixão e perdão

A verdade não deve ser imposta

Todas as pessoas estão profundamente ligadas.

Gostaria de saber se estas são "mensagens para a humanidade" tentando chegar até nós, e essas pessoas transformadas simplesmente passaram a ser recipientes contemporâneos. Eu vou tão longe a ponto de acreditar que essas são coisas que somos destinados a ser.

VALORES HUMANOS E ENTREVISTA MOTIVACIONAL

Então, o que isso tudo tem a ver com a Entrevista Motivacional? Acredito que estamos manifestando os mesmos valores humanos fundamentais na prática da EM, uma pessoa de cada vez. Nós abraçamos associações colaborativas e evitamos a coerção. Honramos e respeitamos a autonomia de cada pessoa. Nós valorizamos a justiça, generosidade e consideração igualitária para todos. Acreditamos que cada pessoa tem a sabedoria, força e motivação, e nós procuramos evocá-los. Estamos interessados em, curiosos sobre, e valorizamos as diferenças entre as pessoas, e nós trabalhamos duro para entender como o mundo olha sob sua perspectiva. Nós tentamos manter como nossa diretriz principal os melhores interesses da outra pessoa, e não fazer o mal. Estes são valores explícitos em EM, atitudes de mente e coração a que aspiramos em nossa prática.

Mas para praticar onde? Apenas dentro dos limites de nossas salas de atendimento? Apenas dentro da tenda da EM? Aqueles de vocês sentados aqui neste Fórum MINT estão envolvidos em uma grande variedade de esforços para viver esses valores humanos bem além da prática profissional. Quando vocês dizem pouco ou nada a respeito; vocês acabaram de fazê-lo. Como Steve Rollnick não está aqui, eu posso citar, sem envergonhá-lo, seus esforços voluntários a favor das crianças e à redução do sofrimento relacionado a HIV/AIDS na África. Tenho visto seus esforços inspiradores para mudar não apenas os indivíduos, mas escolas inteiras, prisões e sistemas de serviços. Por que você faz essas coisas? Está relacionado, eu acho, por quê você está aqui, e por quê você foi atraído para Entrevista Motivacional em primeiro lugar.

Então faltando dados desta vez, deixe-me lhes contar uma história. Na igreja que frequento, nós começamos a fornecer kits de almoço durante a semana para pessoas sem abrigo no parque do outro lado da rua. Cerca de dois anos atrás, um desses homens chamados Chris apareceu na manhã de domingo para o culto. Ele estava vestido com roupas de rua, com o cabelo despenteado, e um pouco embriagado, mas ele sentou-se atentamente durante o culto adicionando um "Amém" ou dois, que nós presbiterianos não estamos acostumados. Ele foi bem recebido. As pessoas falaram com ele, encorajaram-no a voltar, e ele o fez. Nós lembramos seu nome, perguntamos como ele estava, perguntamos o que ele precisava, o escutamos, e o ajudamos com algumas necessidades básicas. Num domingo de manhã, com um pouco mais de álcool como de costume, ele levantou-se no fim do culto e proclamou em voz alta: "Pastor, não quero ser um puxa saco, mas você é o melhor pregador que eu já ouvi!"

Ele começou a convidar seus amigos, e eles, também foram acolhidos. Eles convidaram seus amigos. Depois de alguns meses, quando alguém pediu um kit de almoço no domingo, ocorreu-nos que essas pessoas estavam com fome no fim de semana também. Por isso, começamos a preparar um simples almoço quente para os nossos amigos do parque nos fins de semana. Ninguém é obrigado a vir ao culto a fim de ser alimentado, mas muitos deles o fazem. Agora temos cerca de dez amigos do parque com a gente aos domingos de manhã, e é claro que o respeito, compaixão, curiosidade, conversas e crença em seu valor e potencial são muito mais importantes do que a comida. O primeiro deles acabou de entrar em seu próprio apartamento, está estabilizado, parece incrivelmente melhor, e agora ajuda a servir o almoço para seus amigos. Outro está sóbrio há quatro meses, pela primeira vez em anos. Dois que estavam inicialmente "desmotivados" para sair da rua agora estão tomando medidas nesse sentido. Vários se tornaram membros regulares da comunidade da igreja de St. Andrew, e nós sentimos falta deles quando não estão lá.

Carl Rogers estava certo ao dizer que a atitude é tão importante na cura. E não se limita absolutamente às relações de ajuda profissional. As atitudes de compaixão, respeito, imparcialidade, potencial humano, valorização das diferenças, e colaboração são realmente poderosas na cura dos indivíduos e das comunidades. É uma alegria ver esses valores vivos na comunidade da EM.

Na minha tradição de fé que dizemos que é nossa tarefa confortar os aflitos e afligir os confortáveis. Como podemos praticar estes valores com os privilegiados em nome da justiça social, com aqueles que têm o poder de mudar o futuro? A política americana degeneraram em exatamente o oposto desses valores, busca de mudanças através da coerção, vergonha, culpa, demanda e ameaça. A colaboração é vista como traição, a compaixão como fraqueza, a verdade e a justiça como opcional. O que seria, ao contrário, uma resposta evocativa, não violenta ao poder? É o que Gandhi e Martin Luther King nos mostrou. Poderia sentar-se no escritório de um político e, em vez de discutir ou tentar persuadir, fazer perguntas abertas evocativas e refletir? Você poderia ouvir empaticamente a alguém que parece discordar de você dramaticamente, e buscar pontos de acordo e colaboração? Você poderia evocar a compaixão que é integrada e natural em nós quando não estamos com raiva ou medo, e reforçar o compromisso com ela?

É natural se esforçar para ser melhor. Para isso, é preciso primeiro reconhecer que somos menos do que poderíamos ser - para desenvolver discrepância, se você quiser. Um problema conceitual que eu tive com a teoria da personalidade de Rogers, como eu o entendo, é a sua ideia de que ser mentalmente saudável é ter a concordância entre o eu real e eu ideal. É, realmente ser "plenamente funcional" não haver discrepância entre a autopercepção e a percepção ideal, ou isto é um transtorno de personalidade? Em minha opinião, é saudável em vez disso, mover-se em direção a um horizonte distante, que talvez nunca possa ser

alcançado individualmente, mas que podemos nos aproximar. Era a esperança insaciável de Martin Luther King "Eu não posso chegar lá com vocês, mas nós, como povo, chegaremos lá". Meu poema favorito de Robert Frost, *Take Something Like a Star*, termina:

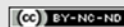
... Por anseios mais elevados
Assim, quando, por vezes, a multidão é inclinada
A carregar elogios e culpas excessivamente

Podemos ter algo como uma estrela
Em nossas mentes para nos mantermos calmos

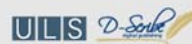
Esses seis valores humanos são uma constelação de estrelas para a qual para se deslocar, em nossa prática, em nosso treinamento, e em todas as nossas atividades.

REFERÊNCIAS

- Armstrong, K. (2010). *Twelve steps to a compassionate life*. New York: Alfred A. Knopf.
- The Dalai Lama, & Vreeland, N. (2001). *An open heart: Practicing compassion in everyday life*. New York: Little, Brown.
- Hettema, J., Steele, J., & Miller, W. R. (2005). Motivational interviewing. *Annual Review of Clinical Psychology, 1*, 91-111.
- Miller, W. R., & Rose, G. S. (2009). Toward a theory of motivational interviewing. *American Psychologist, 64*, 527-537.
- Keating, T. (2009). *Intimacy with God: An introduction to centering prayer*. New York: Crossroad Publishing.
- Lewis, C. S. (1944). *The abolition of man*. Oxford: Oxford University Press.
- Miller, W. R., & Atencio, D. J. (2008). Free will as a proportion of variance. In J. Baer, J. C. Kaufman, & R. F. Baumeister (Eds.). *Are we free? Psychology and free will* (pp. 275-295). New York: Oxford University Press.
- Miller, W. R., & C'de Baca, J. (2001). *Quantum change: When epiphanies and sudden insights transform ordinary lives*. New York: Guilford Press.
- Miller, W. R., & Rose, G. S. (2010). Motivational interviewing in relational context. *American Psychologist, 65*(4), 298-299.
- Moyers, T. B., & Miller, W. R. (2013). Is low empathy toxic? *Psychology of Addictive Behaviors, 27*, 878-884.
- Rogers, C. R. (1980). *A way of being*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C. R., Gendlin, E. T., Kiesler, D. J., & Truax, C. B. (Eds.). (1967). *The therapeutic relationship and its impact: A study of psychotherapy with schizophrenics*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.
- Stanton, M. (2010). Motivational interviewing and the social context. *American Psychologist, 65*(4), 297-298.
- United States National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research. (1978). *The Belmont report: Ethical principles and guidelines for the protection of human subjects of research*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Library.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 3.0 United States License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/).



This journal is published by the [University Library System](https://www.library.pitt.edu/) of the [University of Pittsburgh](https://www.pitt.edu/) as part of its [D-Scribe Digital Publishing Program](https://www.library.pitt.edu/dscribe/), and is cosponsored by the [Motivational Interviewing Network of Trainers](https://www.mitrip.org/).